

«Acho que estão todos mortos», disse alguém – mas não estavam. Uma jovem enfermeira enfrentou aquele caos

Uma iniciativa salvadora

JANICE TYRWHITT

O ÔNIBUS que se dirigia para o norte tinha acabado de sair de North Bay, Ontário, Canadá, quando (à 1:30 da madrugada de sábado, 11 de outubro de 1975) o motorista foi obrigado a uma freada brusca. Espiando através da janela do ônibus, na auto-estrada 11, Jody Stevens viu na escuridão uma fila vermelha de faróis traseiros estendendo-se ao longo da estrada. «Deve ter havido um desastre aí adiante», disse ela para a pessoa que ia a seu lado. «É melhor eu sair para dar uma ajuda.»

Jody, jovem enfermeira de Toronto, voltava para sua casa em Timmins para passar o Dia de Ação de Graças com a família e comemorar seu 24.º aniversário. Uma chuva miudinha ensopava seus ombros à medida que ela percorria a custo aquele meio quilômetro de carros parados num cenário fantasmagórico. À luz fraca das lanternas e dos reflexos na estrada, ela viu sangue espalhado na auto-es-

trada de duas pistas. Virado num barranco, encontrava-se um velho ônibus escolar convertido em alojamento para *camping*. Na pista esquerda, estava parada uma caminhonete *pickup* de caçadores, com dois alces mortos pendendo grotescamente de sua parte traseira. Mais para a direita, via-se um Mercedes-Benz prateado com o capô amassado. No asfalto, entre esses veículos, um círculo de pessoas em silêncio agrupava-se em volta de um quarto carro – um Ford azul, modelo 1973, completamente amassado, com quatro pessoas presas nas ferragens.

«Acho que estão todos mortos», disse um homem corpulento a Jody.

Ela conteve a respiração e pensou: *E agora, Jody, que é que você vai fazer?* Nos dois anos decorridos desde sua formatura como enfermeira, ela havia adquirido bastante experiência, em especial ultimamente no East General Hospital, de Toronto. Quase instintivamen-

te, tirou seu casaco de veludo cotelê e, rastejando, tentou chegar ao banco traseiro do carro acidentado.

Enquanto ela seguia em direção ao norte, Charles Jodouin, de 26 anos, com sua mulher, Jeanne, e os pais desta, Omer e Lucie Fortin, seguiam para o sul, vindos de Timmins, a fim de irem visitar a irmã de Jeanne em Kingston. Apesar de já ser tarde, o tráfego em ambos os sentidos estava bastante intenso. A cerca de 4,5km de North Bay, subitamente, a roda traseira esquerda de um velho ônibus escolar convertido para *camping*, que vinha em sentido contrário, soltou-se, e foi, rolando, colidir precisamente com a grelha do radiador de uma *pickup* que ia para o sul à frente dos Jodouins. Descontrolado, o ônibus derrapou, atravessando a linha divisória central e raspando de lado no Ford azul dos Jodouins. Decorrida uma fração de segundo, um Mercedes novinho em folha que vinha atrás do ônibus também foi bater no carro dos Jodouins.

Esgueirando-se a custo pelas feragens do Ford azul, Jody viu-se no meio de um inferno de sangue e vidros estilhaçados. Preso no banco do motorista estava Charles Jodouin, com o volante enterrado no abdome e um corte entre as costelas sob a axila esquerda; ao lado, sua mulher jazia inconsciente. A parte inferior dos corpos dele e dela tinha ficado presa por baixo do painel de instrumentos. Jody ouviu uma voz débil. No banco de trás, Lucie Fortin, em profundo estado de choque

e com as pernas dobradas debaixo do corpo, mantinha-se consciente mas falava sem coerência. Caído ao lado dela, jazia seu marido, com sangue jorrando de um grande ferimento na cabeça.

Horrorizada, Jody avaliou os conhecimentos e a técnica que tinha aprendido no departamento do serviço de emergência do hospital. Apalpando-lhes as artérias femorais (mais perceptíveis do que as dos pulsos), ela rapidamente concluiu que os quatro estavam vivos; depois, determinou as tarefas prioritárias. O rosto de Jeanne Jodouin apresentava profundos golpes, mas em seus olhos e ouvidos não havia vestígios de hemorragia intercraniana. A mãe dela parecia ter sofrido fraturas nas pernas e estava à beira do pânico. Omer Fortin provavelmente tinha sofrido fratura de crânio, e Jody, notando sua pulsação irregular e seu rosto pálido, desconfiou que ele tivesse também algum problema cardíaco. De tudo, o que Jody mais temia era que o pulmão esquerdo de Charles Jodouin pudesse ter sido perfurado pelas costelas quebradas. Se o pulmão fosse afetado e absorvesse fluido, ele poderia parar de respirar.

Jody rapidamente procurou ajuda entre os presentes. Diversas pessoas que estavam indo passar férias em suas casas de campo traziam coletes salvá-vidas, que foram utilizados para amparar as cabeças dos feridos, com isso evitando-se que fossem sufocados pelo sangue ou pela saliva. «Alguém tem aí cober-

tores?» gritou ela. «Casacos? Tra-pos? Preciso enfaixar o tórax deste homem.» Uma mulher trouxe um pacote ainda não aberto de fraldas de papel – ótimas «compressas» esterilizadas! Jody chorou de satisfação.

Com os dedos abertos, ela colocou as fraldas entre as costelas salientes de Jodouin e utilizou um colete salva-vidas como atadura de pressão. O homem começou a resmungar... em francês. Para não perder tempo, Jody recorreu ao francês que tinha aprendido no ginásio e fez gestos. «No arrêter, no arrêter», gaguejava ela. «Não pare de respirar!» Por sinais, mostrou-lhe como fazer uso dos músculos entre as costelas para inspirar. Com alívio, constatou que ele tinha compreendido. Enquanto Jodouin se ia descontraindo, Jody foi cuidar de Omer Fortin.

Na semi-escuridão, a enfermeira examinou-lhe o couro cabeludo dilacerado e viu uma veia aberta jorrando sangue. Pediu algo que pudesse fechar a ferida e alegrou-se de receber um pacote ainda não aberto de pequenos grampos desses utilizados para pendurar peixes numa fieira. Com eles tampou a veia e depois enfaixou com fraldas o córtex cerebral exposto.

Enquanto estava cuidando de Fortin, Jody se preocupava com a mulher dele, que gritava alto. Pediu então a dois homens que metessem as mãos pela janela traseira do lado direito. «Aqueçam-na e façam-na sentir em segurança. Cuidem dela

como se fosse mãe de vocês», disse-lhes. Assim que os homens a afagaram, tornaram-se menos intensos os gritos de Lucie Fortin. Jody pensava: *Se eu puder afugentar o medo – o deles e o meu –, talvez consigamos sair desta.*

À 1:52, quando chegou o pessoal da Polícia Provincial de Ontário, Jody saiu do carro com os joelhos tremendo. «Naquele momento não me dei conta de que ela era enfermeira», disse o policial Robert Jolley, «mas não havia dúvida de que tinha a situação sob controle. Não lhe disse o que devia fazer; perguntei se podia ajudá-la.»

Naquela ocasião, a polícia dava a Jody o que ela precisava: confiança e campo livre para trabalhar. Os guardas afastaram a multidão e disseram à jovem enfermeira que continuasse. Quando Jolley pegou no casaco dela, todo encharcado, e o colocou no banco traseiro do carro da radiopatrulha, esse gesto simpático deu-lhe forças novas. *Eles confiam em mim*, pensou ela. *Se já consegui fazer o que fiz, hei de seguir até o fim.*

Com a sirene ligada, chegou a primeira ambulância vinda de North Bay, e Jody reuniu coragem para dar instruções à equipe que nela vinha: «Não dêem oxigênio puro ao motorista», frisou. «Se seu pulmão foi afetado, isso pode matá-lo. Preciso de oxigênio para o homem que está no banco de trás.» Apanhando a máscara, Jody ministrou seis litros de oxigênio a Fortin (quantidade superior àquela que o

peçoal da ambulância estava autorizado a dar) e viu o rosto do homem ganhar cor. Em seguida, pegou no microfone da ambulância.

«Não sei quem é a senhora», disse uma voz do hospital, «mas continue a falar.» Automaticamente, ela passou a dar suas instruções, começando com a palavra *stat* (código da linguagem médica, em países de língua inglesa, que significa «emergência»). «Aprontem a sala de operações e chamem um cirurgião e um anestesista. O motorista acidentado pode precisar de cirurgia torácica. É necessário fazer-lhe uma radiografia do peito. Arranjem uma bomba de Emerson para drenar-lhe o fluido do tórax e equipamento para classificar seu tipo sanguíneo. A mulher dele está inconsciente; precisa de uma radiografia do crânio e de sedativo intravenoso para acalmá-la. A senhora mais idosa está em estado de choque; também vai precisar de uma injeção intravenosa, de classificação do tipo sanguíneo, de uma verificação cardiológica e de tração preparatória para cirurgia ortopédica. O marido dela, possivelmente, tem fratura de crânio com hemorragia generalizada.» O problema era que não havia tempo de comparar e classificar o tipo sanguíneo de Omer Fortin. Em face disso, Jody deu ordens ao hospital para que fosse conseguida certa quantidade de glóbulos vermelhos congelados, a fim de manter por algum tempo a sobrevivência do paciente, qualquer que fosse seu tipo sanguíneo.

Nessa ocasião, centenas de pessoas de carros que iam passando já se aglomeravam nas saliências da rocha aos lados da estrada. Rapidamente, Jody deu uma olhada em volta. Pareceu-lhe não haver mais ninguém seriamente ferido, mas um dos passageiros do ônibus apresentava o rosto avermelhado. Ela apalpou-lhe o pulso e notou que as batidas eram rápidas e irregulares. O homem, Robert Mack, dera com o nariz numa alça de segurança do carro quando este bateu de lado. Jody pediu aos homens de uma ambulância que o levassem.

A última ambulância esperava pelos Jodouins, ainda presos no banco dianteiro, entre o capô amassado e as portas da frente. Enquanto os bombeiros tentavam abrir uma porta com macacos hidráulicos, a polícia ia descongestionando o trânsito. Pouco a pouco, os carros começaram a circular por uma só pista, passando pelo local do acidente. O ônibus em que Jody seguia viagem chegou, mas os policiais pediram a ela que ficasse. Ensopada até os ossos, tiritando de frio e desejosa de chegar a casa, ela olhou para sua camisa e *jeans* salpicados de sangue dos feridos. «Vou ficar», decidiu ela.

O carro dos Jodouins acabou tendo de ser desmembrado por um caminhão de reboque. Charles e Jeanne Jodouin foram transportados para uma ambulância, e Jody entrou no carro da radiopatrulha que seguia atrás, acompanhando-os até o Civic Hospital de North Bay.

Depois de tomar um banho na delegacia de polícia, ela aceitou carona de um guarda que a levou à Auto-estrada 11 para pegar o ônibus.

Os pais foram esperá-la no terminal rodoviário de Timmins. Finalmente em casa, ela contou em breves palavras sua história, despiu os *jeans* e a camisa ensangüentados, tomou um banho quente e foi para a cama. Dormiu o sábado todo. Uma semana depois, ainda tinha estilhaços de vidro no cabelo.

Os Fortins e os Jodouins foram levados da sala de emergência para o centro de tratamento intensivo do Civic Hospital de North Bay. O médico de serviço declarou mais tarde: «Eles apresentavam ferimentos graves, mas o tratamento inicial que receberam fez-lhes bem. Omer Fortin tivera o couro cabeludo praticamente arrancado, mas a hemorragia foi controlada.» Concretizou-se a suspeita inicial de Jody de que o homem pudesse ter algum problema cardíaco: ele sofria de hipertensão.

Lucie Fortin apresentava fraturas nos ossos da bacia, nos dois pulsos e luxação no ombro direito. Desde o acidente, já foi submetida a três operações. Charles Jodouin teve fratura da clavícula e do pulso direito, e um golpe no dedo indicador

direito que precisou levar 24 pontos; apesar do impacto no volante, não sofreu rupturas internas. Jeanne Jodouin teve diversas contusões no rosto e nas pernas. Robert Mack recebeu tratamento para amenizar seu estado de choque, tendo tido alta em seguida.

Durante as três horas em que permaneceu no local do acidente, Jody tinha vencido seus temores. *Sou jovem. Serei capaz de dar conta disto?* pensava ela. *Se tomei decisões que, legalmente, só um médico pode tomar, não terei arruinado minha carreira de enfermeira?*

Em junho de 1976, quando um policial lhe bateu à porta, ela pensou que estava sendo intimada a prestar depoimento sobre o acidente; ao contrário, ia ser convidada para um jantar, a fim de receber a Menção dos Comissários, da Polícia Provincial de Ontário, em reconhecimento pelo excelente trabalho que ela fez naquela noite chuvosa na Auto-estrada 11.

Por incrível que pareça, um ano depois do acidente nenhum dos feridos conhecia ainda o nome dessa enfermeira. Os Fortins e os Jodouins, porém, sabiam quanto lhe deviam. «Sem a ajuda dela», diz Omer Fortin, «provavelmente nem todos nós teríamos sobrevivido.»



HA poucos dias, um menino de dez anos, nosso vizinho, foi almoçar lá em casa, e a segunda porção de pudim que lhe foi servida ficou quase toda no prato.

«Foi de mais para você?» perguntou-lhe minha mulher.

«Não», replicou ele solenemente, «eu é que fui de menos.» - R. W. B.